

CECÍLIA MEIRELES E O MUNDO POÉTICO INFANTIL

Moema R. Russomano

Desde o nascimento está a criança em contato com a poesia. Manifestada nas cantigas de ninar, nas canções de roda, nas brincadeiras cantadas, o eco dessas primeiras impressões sensorio-poéticas a acompanham em sua caminhada e descoberta do mundo e das pessoas.

Sensível à rima, à aliteração, ao jogo de palavras, a criança gosta de brincar com os sons. É, portanto, suscetível e aberta à poesia. Considerando-se ser própria sua visão da vida e limitada sua apreensão da realidade, uma pergunta se impõe: como deve ser a poesia a ela endereçada?

Teóricos da Literatura Infantil enfatizam a simplicidade de linguagem, a clareza de imagens, a abordagem de temas de seu universo como requisitos fundamentais da poesia infantil. Mas bastará o atendimento a estes postulados para levar a poesia à criança? Sob o rótulo de poesia infantil são apresentados poemas e canções cuja única ligação com o poético é sua forma metrificada. A essência, aquilo que faz de um verso poesia, é muitas vezes esquecida. Cabe ressaltar, dentre os poucos, porém verdadeiros poetas, Cecília Meireles.

1. A POESIA INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES

Cecília faz versos. Cecília ama a criança. Mulher e poeta defrontam-se em *Ou isto ou aquilo*, coletânea de poemas infantis. Conhecedora dos vínculos existentes entre universo infantil e universo poético, sabe como aproximá-los, fazendo com que a criança refletida no verso redescubra a poesia em si mesma latente e a poesia, fazendo da criança tema, realize-se em seu fazer poético. Jogando com sons, ritmo, imagens, leva a poesia à criança e faz da criança poesia.

Considerando a criança "mais poética do que geralmente se imagina"¹ e o poeta como "a pessoa que diz o que muitos sentem e não sabem expressá-lo",² discernível mostra-se de sua missão poética e da importância da poesia na infância. Em *Problemas da literatura infantil*, assim posiciona-se frente à criança e à poesia:

Por esse caminho, recebe a infância a visão do mundo sentido, antes de explicado; do mundo ainda em estado mágico. Ainda mal acordada para a realidade da vida, é por essa ponte de sonho que a criança caminha, tonta do nascimento, na paisagem de seu próprio mistério³.

1.1. A temática

A criança é a preocupação maior de Cecília Meireles. Em sua poesia reunida em *Ou isto ou aquilo* retrata uma visão de mundo infantil, o mundo como a criança assim o vê, um mundo onde real e fantasia andam juntos. Um mundo povoado de imagens, de sons, de cores, de ritmo, de crianças.

1.1.1. A criança

A criança é um dos temas mais comuns na poesia de Cecília Meireles. Longe de retratar uma criança-modelo, mostra-a como ela realmente é: travessa, manhosa, intuitiva, fantasiosa. Uma criança com a qual o leitor pode se identificar. Comuns são suas vivências, seus sonhos, suas necessidades. Dentro desta temática encontram-se as poesias: "Ou isto ou aquilo", "Uma palmada bem dada", "A bailarina", "Moda da menina trombuda", "Tanta tinta", "Colar de Carolina", "As meninas", "O menino azul", "Sonhos da menina", "Canção de Dulce", "Cantiga da babá", "Sonho de Olga".

Em "Ou isto ou aquilo" expressa está a indecisão comum à criança nas situações de alternativas e sua incompreensibilidade face à necessidade de opção:

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!

Não sei se brinco, não sei se estudo,
se saio correndo ou fico tranqüilo.

Mas não consegui entender ainda
qual é melhor: se é isto ou aquilo.

(p. 57)

Em "A bailarina", "Sonho de Olga", "O menino azul", i-

maginação e fantasia andam lado a lado com a realidade, levando a criança para um mundo de faz-de-conta onde tudo é possível. Neste mundo de sonho, um burrinho que conte histórias aparece como o companheiro ideal, simbolizando uma visão que desejaria a criança concretizada: um mundo só de beleza, de paz, de harmonia:

O menino quer um burrinho
para passear.
Um burrinho manso,
que não corra nem pule
mas que saiba conversar.

O menino quer um burrinho
que saiba dizer
o nome dos rios,
das montanhas, das flores,
— de tudo o que aparecer. (O menino azul, p. 27)

1.1.2. O velho

Os velhos são seres muito próximos da criança devido aos laços de afinidade e compreensão que os une. Entendendo a fragilidade que os cerca, a eles dedica a criança um especial afeto e neles encontra um confidente e amigo para brincadeiras. Sob esta temática encontram-se as poesias: "As duas velhinhas", "A avó do menino", "A língua do nhem".

Em "As duas velhinhas" focalizado é o velho em sua acomodação e passividade frente ao tempo implacável, destruído pela fugacidade e brevidade do momento. "A linguagem do nhem" expressa a incomunicabilidade e afastamento a que são relegados os velhos por uma sociedade que não pode parar e perder tempo voltando-se para o passado. Em "A avó do menino" repete-se o tema da solidão e da necessidade de comunicação sentida pelo velho que já não encontra resposta no mundo adulto-jovem, aparecendo a criança como único ser capaz de compreender, aceitar e compartilhar do passado de lembranças em que vive:

A avó
vive só.
Mas se o neto menino
mas se o neto Ricardó
mas se o neto travessó
vai à casa da vovó,
os dois jogam dominó.

(p. 22)

1.1.3. Os brinquedos

Os brinquedos constituem-se num universo próprio, inalienável ao viver e sentir infantil. Objetos reais, vivos, atuantes e mágicos, são imprescindíveis à dinâmica da vida e à manutenção da fantasia. Adquirindo a relevância do alimento e do sonho, criam um supra-realidade, sublimadora das limitações e restrições do cotidiano. Em Cecília Meireles, o brinquedo é tema de muitas poesias: "Jogo de bola", "Para ir à lua", "Roda na rua", "Bolhas", "O eco". O brinquedo concreto de "Para ir à lua"

Enquanto não têm foguetes
para ir à lua,
os meninos deslizam de patinete
pelas calçadas da rua, (p. 28)

ou a brincadeira sonora de "O eco"

O menino pergunta ao eco
onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: "Onde? Onde?" (p. 82)

adquirem idêntica força e carga semântica, postulando-se como elementos dotados de vida e poder onírico.

1.1.4. A natureza

A natureza é parte integrante do mundo infantil. As árvores, as flores, o sol, a chuva exercem grande fascínio sobre a criança como fonte de prazer e aventura, sendo vistos como uma realidade próxima, palpável, vivenciada. Aspectos da natureza são focalizados por Cecília Meireles em vários de seus poemas: "O santo no monte", "Uma flor quebrada", "Rola a chuva", "Rio na sombra", "Pescaria", "Enchente", "A flor na festa", "A flor amarela", "Leilão de jardim", "Lua depois da chuva", "Canção da flor da pimenta", "O último andar".

A mesma admiração, respeito e cuidado evidenciados em "Leilão de jardim" encontram resposta na simplicidade e singeleza de "Rio na sombra" ou no anseio de liberdade de "Último andar"

No último andar é mais bonito:
do último andar se vê o mar.
É lá que eu quero morar. (p. 85)

Tendo como foco de seu pensar poético a criança, Cecí-

lia Meireles em **Ou isto ou aquilo** aborda temas do universo infantil, concretizando no verso o real e o mágico da infância. Estendendo sobre a realidade exterior seu olhar de poeta em amorosa contemplação, seu contato com o mundo físico é marcado pelo aguçamento dos meios de apreensão, pelo entusiasmo e exaltação dos seres e das coisas. O mundo, porém, não é visto apenas em sua exterioridade. A captação dos aspectos da natureza, do humano e do inanimado vai além do horizonte material, conduzindo poeta e leitor à indagação e conscientização da vida, do instante, do fluir do tempo. Ao lado do lúdico de "Jogo de bola", da fantasia de "A chácara do Chico Bolacha", do cômico de "O menino dos ff e rr", aborda a poetisa temas de sentido mais profundo e existencial. A fugacidade do instante expressa o "O vestido de Laura"

O vestido de Laura
vamos ver agora,
sem mais demora!

Que as estrelas passam,
borboletas, flores
perdem suas cores.

Se não formos depressa,
acabou-se o vestido
todo bordado e florido!

(p. 14)

é retomada em "Figurinhas" I,

Nem o céu azul
é bonito, agora,
pois a borboleta
já se foi embora.

(p. 30)

levando à busca e inquirição de "Figurinhas" II

Onde está meu anel
e o banquinho quadrado
e o sabiá na mangueira
e o gato no telhado?

— a moringa de barro,
e o cheiro do alvo pão?
E tua voz, Pedrina,
sobre o meu coração?
Em que altos balanços
se balançarão?...

(p. 31)

e à conscientização dos limites humanos refletida no poema-título da coletânea "Ou isto ou aquilo"

Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro! (p. 57)

1.2. O som

O som tem para a criança uma grande importância. As coincidências sonoras e o ritmo despertam a atenção, ajudando a guardar, a lembrar, a repetir. Na poesia infantil de Cecília Meireles é um dos recursos mais usados, tornando mais fácil a comunicação e, principalmente, transformando-se numa brincadeira ou jogo de sons.

1.2.1. Coincidências sonoras

Entre os recursos fônicos destacam-se as coincidências sonoras: rima, aliteração, paranomásia, alternância vocálica, onomatopéia.

a) Rima

A rima é um dos operadores fônicos mais usados na poesia infantil devido ao seu grande poder de penetração junto à criança. Sendo empregada como uma espécie de jogo de sons, mostra a força do significante no processo de comunicação poética.

É tão grande a influência da rima e tão forte o fascínio que exerce sobre a criança que Cecília Meireles, para não perdê-la, cria formas sonoras inexistentes: em "A avó do menino", aparecem as palavras **meninó, Ricardó, travessó**, rimas inventadas por sua arte:

A avó
vive só.
Mas se o neto meninó
mas se o neto Ricardó
mas se o neto travessó
vai à casa da vovó
os dois jogam dominó.

(p. 22)

Não se restringe, porém, ao emprego de rimas entre palavras de mesma categoria morfológica. A diversidade e originalidade rímica — substantivo-adjetivo, substantivo-verbo, pronome-substantivo, adjetivo-verbo, advérbio-substantivo, advér-

bio-adjetivo, conjunção-substantivo, pronome-advérbio conferem maior expressividade aos poemas.

Substantivo-adjetivo:

É bela, rola, pula,
é mole, amarela, azul.

A de Raul é de Arabela,
e a de Arabela é de **Raul**. (Jogo de bola, p. 166)

Substantivo-verbo:

No segundo, apenas
borboletas voando,
num fino **bando**. (O vestido de Laura, p. 14)

Pronome-substantivo:

Que flor
é aquela
que **Arabela**
molha? (A flor amarela, p. 9)

Adjetivo-verbo:

Ah! menina **tonta**,
toda suja de tinta
mal o sol **desponta!** (Tanta tinta, p. 3)

Advérbio-substantivo:

lá pôr **compressa**
depressa
no rei da Prússia? (Procissão de pelúcia, p. 5)

Advérbio-adjetivo:

Tinha um focinho bicudo
assim.
Tinha uma dentuça muito
ruim. (Cantiga para adormecer Lulu, p. 45)

Conjunção-substantivo:

Ora, ora, **ora**,
Não chore tanto!
Nossa **Senhora!** (Figurinhas I, p. 30)

Pronome-advérbio:

(Este menino está sempre brincando,
dizendo-me coisas **assim**.
Mas eu bem sei que ele é um anjo escondido,
um anjo que troça de mim.) (Cantiga da babá, p. 49)

b) Aliteração

O domínio de um determinado fonema é uma das coincidências sonoras de maior agrado da criança. Em **Ou isto ou aquilo** encontra-se uma grande variedade de aliterações, sendo empregada principalmente para imitar sons da realidade circundante e sugerir a idéia-tema.

No poema "Jogo de bola", o uso sistemático da oclusiva **B** e da constrictiva **L** lembra o movimento da bola em seu vaivém:

rola:
a **bela bola** do Raul. (p. 16)
A bela bola

Em "Canção", a constância da oclusiva **B** denota o balançar da cadeira, dando idéia do movimento feito pela mãe acalentando o filho:

De **borco**
no **barco**.
(De **bruços**
no **berço**...)

O **braço** é o **barco**. (p. 59)
O **barco** é o **berço**.

O mesmo ocorre em "O violão e o vilão" em que o domínio absoluto da constrictiva **V** revela o fluir e o passar lento da vida:

Havia a **viola** da **vila**.
A viola e o **violão**.

Do **vilão** era a **viola**. (p. 74)
E da Olívia o **violão**.

c) Paronomásia

Esta espécie de trocadilho, um jogo **de** e **com** palavras iguais ou parecidas na forma significante mas de diferente sig-

nificado, é outro recurso sonoro empregado por Cecília Meireles em sua poesia infantil.

Em "Procissão de pelúcia", o vocábulo **praça** é aplicado com dois significados diversos: soldado e logradouro público, sendo ainda feito um jogo com as palavras **passa** e **pressa**:

Aonde é que vai o **praça**
que **passa**
de peliça
com **pressa**
na **praça**? (p. 65)

Em "Roda na rua" encontra-se o homógrafo **roda** em três diferentes acepções:

Roda na rua
a **roda** do carro.

Roda na rua
a **roda** das danças. (p. 61)

Em "Pescaria" o homógrafo **vão** é apresentado com significação verbal e adverbial:

As mãos do mar vêm e **vão**
em **vão**. (p. 58)

Em "O menino dos ff e rr" é feito um trocadilho com o plural da letra R e a desinência verbal de **errar**:

O menino dos ff e rr
é o Orfeu Orofilo Ferreira:
Ai com tantos rr, não **erres!** (p. 39)

O mesmo ocorre em "Tanta tinta", sendo realizado um jogo com palavras parecidas: aponta-desaponta, tenta-tinta, ponto-pinta:

A ponte **aponta**
e se **desaponta**.
A tontinha **tenta**
limpar a **tinta**,
ponto por **ponto**
e pinta por **pinta**... (p. 13)

d) Alternância vocálica

O uso de palavras parecidas cuja diferença na forma significativa decorre somente da troca de vogais é outro recurso empregado na poesia infantil:

É a **moda**
da menina **muda**
da menina **trombuda**
que **muda** de **modos**
e dá **medo**. (Moda da menina trombuda, p. 12)

A espuma escreve
com letras de **alga**
o sonho de **Olga**. (Sonho de Olga, p. 73)

O **rumo** é que leva o **remo**.
O **remo** é que leva a **rima**.

(Pregão do vendedor de lima, p. 66)

e) Onomatopéia

Espécie de mimetismo fônico devido à aproximação da forma significante ao significado, é a onomatopéia muito apreciada pela criança. É empregada através de palavras representativas de determinados sons, como:

A espingarda faz **pum pum!**
pim pim!

O anjinho abana as asas
assim. (Cantiga para adormecer Lulu, p. 45)

Na casa da avó
o galo **liró**
faz "**cocorocó!**" (A avó do menino, p. 22)

ou através da repetição especial de alguns sons simbolizando um determinado ruído sugerido pela idéia-tema.

Em "Pregão do vendedor de lima", as palavras são arranjadas de forma a denotar o pregão do vendedor:

Lima rima
pela rama
lima rima
pelo aroma. (p. 66)

Em "O chão e o pão", o ditongo **ão** revela o ruído da se-
mente batendo na terra dura:

O **chão**.
O **grão**.
O **grão** no **chão**. (p| 54)

O predomínio da oclusiva **R** em "Procissão de pelúcia"
lembra o caminhar compassado e apressado:

E não há **Prússia**
nem **praça**
nem **peleça**
nem **compressa**
nem **praça**
nem **preço**
nem **pressa**... (p. 65)

A sucessão dos ditongos **ão** e **eia** em "Pescaria" dá idéia
do rebentar da onda marítima e seu deslizar pela areia:

As **mãos** do mar vêm e **vão**,
as **mãos** do mar pela **areia**
onde os peixes **estão**.
As **mãos** do mar vêm e **vão**
em **vão**.
Não chegarão
aos peixes do **chão**.

Por isso chora, na **areia**,
a espuma da maré **chela**. (p. 58)

1.2.2. Ritmo

O ritmo, na vida da criança, governa suas ações rotineiras: brincar, pular, correr, saltar. Marcado pela oposição de sílabas tônicas e átonas é um importante elemento na poesia infantil.

Entre os esquemas rítmicos mais usados da poesia de Cecília Meireles destacam-se as redondilhas maior e menor favorecendo e auxiliando a memorização.

Redondilha maior:

A raiz era a escrava,
descabelada negrinha
que dia e noite ia e vinha
e para a flor trabalhava. (Uma flor quebrada, p. 79)

Redondilha menor:

Dócil, doce Dulce
de face vermelha,
doce rosa alrosa
a fugir da abelha (Canção de Dulce, p. 42)

De vários recursos utiliza-se Cecília Meireles para marcar o ritmo. Nos versos

Não conhece nem mi nem fá
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não conhece nem lá nem si,
mas fecha os olhos e sorri. (A bailarina, p. 15)

a sucessão de monossílabos sugere pancadas rítmicas relacionadas ao tema da poesia: a dança.

O mesmo ocorre nos versos

O pão na mão.
O pão no chão?
Não. (O chão e o pão, p. 54)

onde o predomínio dos monossílabos em **ão** dão uma idéia de dureza, aspereza relativa ao tema em foco: a terra.

O som na poesia infantil de Cecília Meireles desempenha primordial importância, postulando-se como um de seus elementos de maior destaque. Esta preocupação e evidência do estrato fônico manifesta-se no emprego da rima presente na maioria dos versos, no ritmo bem marcado, no uso de aliterações, paranomásias, alternâncias vocálicas, onomatopéias, operadores poéticos de grande significado na poesia infantil, atendendo ao gosto da criança pelo jogo de sons. Sobrepondo-se o significante ao significado, é a palavra, em muitos poemas, usada como peça de um jogo, combinando-se com outras de idênticos ou semelhantes fonemas, como pode ser verificado em poemas como "Na sacada da casa"

Na
sacada
a saca
da caçada.
Na sacada da casa.
E a casada
na caçada.

Quem se casa
de casaca?

(p. 43)

ou em "Lua depois da chuva"

Olha a chuva:
molha a luva.

Cada gota de água
como um bago de uva.

A chuva lava a rua.
A viúva leva
o guarda-chuva
e a luva.

(p. 29)

Reproduzindo o poeta uma espécie de brincadeira muito apreciada pela criança: o "travalingua", interliga palavras cuja pronúncia por si só já é um exercício fônico.

Em "Canção", a combinação B-R prende a atenção do ouvinte e desenvolve a acuidade de prolação do locutor:

O braço é o barco.
O barco é o berço.

Abarco e braço
o berço
e o barco.

(p. 59)

Em "Passarinho no sapé" a persistência do fonema P exige desdobrado esforço de elocução:

O P tem papo
o P tem pé.
É o P que pia?

(Piul)

(p. 33)

Ocorre o mesmo em "Pescaria" onde se verifica uma seqüência de semelhantes formas significantes:

Cesto de peixes no chão.
Cheio de peixes, o mar.
Cheiro de peixe pelo ar.
E peixes no chão.

(p. 58)

1.3. A linguagem

1.3.1. Léxico

A poesia infantil caracteriza-se pela simplicidade e clareza vocabular. Os poemas da coletânea **Ou isto ou aquilo** atendem a estes requisitos, considerando-se a existência de um repertório vocabular relativamente reduzido, apresentando um léxico pertencente ao falar cotidiano, acessível ao público infantil. Raras são as palavras que fogem à compreensão da média das crianças, como: **farpas, pungente e áureos** (p. 23), **carpir** (p. 34), **oblongo** (p. 35), **airosa** (p. 42), **giesta** (p. 48), **alada, célia, dúlias e eólias** (p. 55), **pelica** (p. 65).

A maioria das palavras é paroxitona, o que também é freqüente no léxico popular e infantil. Essa seleção vocabular, expressa através do predomínio de substantivos e verbos de ação, evidencia a preocupação do poeta com a simplificação da linguagem e sua adequação à criança. A parcimônia no eixo paradigmático é suprimida no eixo sintagmático por uma apropriada e, algumas vezes, inusitada combinação de palavras.

1.3.2. Operadores poéticos

A simplificação da linguagem não impede o emprego de operadores poéticos, os quais, uma vez usados com propriedade enriquecem o texto, conferindo-lhe maior colorido e expressividade. Entre os operadores poéticos mais usados por Cecília Meireles, destacam-se: anáfora, conduplicação, epanadiplose, sinestesia, metáfora, comparação, prosopopéia, derivação.

a) Anáfora

A repetição de palavras no início de vários versos é empregada com a finalidade de causar maior efeito artístico:

Rola a chuva
rega a terra
rega o rio
rega a rua.

(Rola a chuva, p. 76)

Abre-se a romã,
Abre-se a manhã.

(Rômulo rema, p. 63)

b) Conduplicação

Grande efeito estético é conseguido quando a construção

frasal é enriquecida através da repetição das mesmas palavras no final de um verso e começo do verso seguinte:

O rumo é que leva o remo.
O remo é que leva a rima.

(Pregão do vendedor de lima, p. 66)

c) Epanadiplose

O início e o término de uma estrofe com as mesmas palavras é um recurso de construção também empregado na poesia infantil:

Uns coraçõezinhos roxos, áureos, rubros,
muito ardentes.
Uns coraçõezinhos.

(Canção da flor da pimenta, p. 23)

d) Sinestesia

A impressão sensorial causada pelas palavras formadoras do verso é de grande efeito e agrado junto à criança:

Em "Rômulo rema" evidencia-se a sensação visual expressa na ênfase dada à cor:

A romã rubra dorme
cheia de rubis. (E o céu); (p. 63)

Em "O eco" expressa-se uma sensação auditiva na resposta dada ao menino:

O menino pergunta ao eco
onde é que ele se esconde.
Mas o eco só responde: "Onde? Onde?" (p. 82)

Nos versos de "Uma palmada bem dada", as palavras areia, frio, calor despertam sensações táteis:

que não calça meia
porque dentro tem areia,

que não toma banho frio
porque sente arrepio,

que não quer banho quente
porque calor sente, (p. 17)

despertando igualmente sensações gustativas as palavras cera, azeite, goma:

que não quer maçã nem pera
porque tem gosto de cera,

que não toma leite
porque lhe parece azeite,

que mingau não toma
porque é mesmo goma,

Em "Figurinhas II", causam os versos sensações olfativas:

— a moringa de barro,
e o cheiro do alvo pão? (p. 30)

e) Metáfora

O desvio de uma palavra de seu significado habitual para adquirir um novo sentido é um dos recursos semânticos de maior expressividade. Devido à sua grande ambigüidade é a metáfora usada parcimoniosamente por Cecília Meireles em sua poesia infantil:

A lua com que a menina sonha
é o linho do sonho (Sonhos da menina, p. 36)

O braço é o barco.
O barco é o berço. (Canção, p. 59)

f) Comparação

Comum na linguagem cotidiana, adquire a comparação efeito artístico quando empregada com expressividade e originalidade:

E a árvore foi tão bela!
Como um palácio. E o vento
(Uma flor quebrada, p. 79)

g) Prosopopéia

A situação a seres inanimados de qualidades que não lhes são inerentes, é um dos meios que maior ressonância encontra junto à criança devido à sua capacidade de fundir e confundir realidade e fantasia:

Por isso chora, na areia,
a espuma da maré cheia.

(Pescaria, p. 58)

h) Derivação

A emprego de palavras com o mesmo radical é figura estilística de grande efeito na poesia infantil:

Sonho o meu sonho.

A flor sem espinho
também sonha

na fronha.

(O sonho e a fronha, p. 37)

Atendendo à necessidade de adaptação da linguagem à criança, verifica-se o predomínio do referencial sobre o conotativo na maioria dos poemas infantis de Cecília Meireles, não implicando essa simplificação e adaptação em empobrecimento da linguagem mas em aumento da comunicabilidade.

Observa-se, em relação ao estrato das unidades de sentido, a preponderância das figuras de construção. Os operadores semânticos são mais restritos, considerando-se a exigência de clareza e transparência da poesia infantil. Alguns poemas, entretanto, são dotados de grande simbologia, abrindo-se a outras leituras, como: "O sonho e a fronha", "Leilão de jardim", "O chão e o pão", "Pescaria", "Canção", "Rômulo rema", "O violão e o vilão", "O Santo no monte". Carregados de ambigüidade e plurissignificação, sua plena compreensibilidade talvez não esteja ao alcance da criança, atendo-se esta apenas à forma significativa, dotada ela própria de grande atrativo e beleza formal.

2. A FUNÇÃO DA POESIA INFANTIL DE CECÍLIA MEIRELES

Cecília Meireles conhece o segredo de fazer ver, sentir e amar as coisas. Em seus poemas para crianças não procura doutrinar ou estabelecer normas, embora, incentivando a criança a cultivar a bondade como em "As meninas" e "Moda da menina trombuda", a cuidar de sua saúde em "Cantiga para adormecer Lulu" e "Enchente" implicitamente se infira certa função pedagógica. Apenas mostra o mundo como ele é, corrigindo-o algumas vezes para como deveria ser.

A poesia infantil de Cecília Meireles caracteriza-se primordialmente por sua função lúdica. Construindo e brincando com

palavras e frases, leva a criança a descobrir a língua em sua originalidade e singularidade. Embora em destaque se coloque o lúdico — trabalhando a palavra como um jogo — a poesia cecilianas conduz à evasão. Mostrando um mundo infantil onde tudo é possível — "burinho que saiba dizer o nome dos rios, das montanhas, das flores, um vestido com babados de flores, borboletas e estrelas, um mosquito que escreve seu nome no ar" — desenvolve a imaginação e a fantasia criadoras da criança. O lúdico e o fantasioso não impedem, entretanto, o comprometimento da poesia com a realidade. Sem mistificar, sem esconder verdades, apresenta aspectos do real sob uma perspectiva poética, suavizando a crueza e rispidez do mundo concreto. Abordando temas como a brevidade da vida, o abandono da natureza, a dureza do trabalho, mostra a necessidade de atuação aqui e agora, conduzindo o leitor à conscientização da fugacidade e brevidade do instante e à ciência da limitação humana.

Ou isto ou aquilo é um livro de várias realidades. Ao lado do humor de "Moda da menina trombuda" ou "Uma palmada bem dada" há em "Canção" e "Cantiga da babá" a ternura de um rondó familiar, a fantasia n"O vestido de Laura", o respeito à natureza em "Leilão de jardim". Colocando ao alcance da criança aquilo que ela ama — a natureza, os animais, os brinquedos e, principalmente, as outras crianças — ensina o amor à vida e o respeito ao outro. Levando à criança a alegria, mas, também a indagação, a brincadeira ou o reconhecimento da brevidade do instante, conscientiza-a tanto das mínimas coisas deste mundo como da previsão permanente da partida.

Ao escrever para crianças, Cecília Meireles não faz discriminação entre mundo adulto e mundo infantil em termos de inteligência e sensibilidade. Conhecedora da capacidade intuitiva da criança para com a poesia, procura acordá-la para a (re) descoberta da vida, mostrando-lhe o mundo em profundidade, beleza. Sem pretensões didática ou moralizante, convertem-se seus versos em contemplação poética afetuosa e participante. Confira desta forma sua conscientização do papel do poeta expressa em "Motivo":

Eu canto porque o instante existe
e a minha vida está completa.
Não sou alegre nem sou triste:
sou poeta.

Se desmorono ou se edifício,

se permaneço ou me desfaço,
— não sei, não sei. Não sei se fico
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.⁴

Os poemas cecilianos, através do comunicante da infância e da poesia, realizam-se como visão poética do mundo, conduzindo poeta e leitor à criação de inumeráveis "isto" ou "aquilo".

Cecília escreve para a criança. E escrevendo para a criança, torna-se outra vez criança. E como tal vê o mundo. O mundo repleto de coisas que é preciso descobrir. O mundo repleto de gente, gente que precisa de amor.

Cecília é gente. Mas Cecília é poeta. E como poeta, percebe coisas que o homem comum não consegue ver. Percebe coisas que só a criança com sua visão imagística e animista consegue distinguir. Captando as mínimas e mais íntimas manifestações da vida, as configura e recria em formas poéticas. Transpondo para o verso a contemplação do poeta e a fantasia retrospectiva da criança que foi, realiza em **Ou isto ou aquilo** a simbiose infância-poesia.

Conhecida como o poeta da essência, da mística, do mistério transcendental, a fugacidade é o elemento gerador dos motivos e o marco fundamental de sua poesia. Tendo, porém, como destinatário de seu poeitar a criança, converte-se a vida em todos os seus matizes em tônica de seu pensar e fazer poético, não significando este desvio da ótica poética em abandono da preocupação ontológica, mas em adequação e respeito ao público ao qual é dirigido seu verso. Voltando-se para a criança, dela procura se aproximar, aliando aquilo que a criança é àquilo que a criança ama. Vivendo entre a realidade do cotidiano e abstração do espaço, encontra a criança nos poemas cecilianos o seu mundo.

Sem recorrer à puerilização ou à institucionalização, a poesia de Cecília Meireles, endossada de invenção e afetividade, tem ressonância direta na alma infantil. Sua linguagem cândida revestida de tonalidades e modulações suáveis, a ingenuidade de suas falas, a harmoniosa e ritmada musicalidade de seus versos, a comunicabilidade de suas rimas atendem às necessidades, anseios e vivências da criança. Numa atmosfera de aceitação de coisas amoráveis e singelas, de solida-

riedade com os seres e criaturas, de afetuosidade com o mundo e a vida, conduz a criança à criação de sua realidade pessoal. Deslocando a poesia para o lado da verdade diária, preserva-a em seu estado de pureza e transcendência, dando ao leitor meios de (re)fazer a realidade vista através de lentes e olhos comuns.

Cecília Meireles brincando com palavras e sons, buscando o singular através do jogo, da montagem, do prazer de fazer, leva a criança a vivência da língua. O aproveitamento dos recursos sonoros, as peculiaridades de sua sintaxe, o ritmo e a eufonia de seus versos correspondem às características básicas do poético. Sem cair no primarismo simplista ou destituído de poeticidade, constitui-se num exemplo de como levar a poesia à criança, ou seja, utilizando-se daquilo que por ele é apreciado: simplicidade de linguagem, humor, efeitos fônicos, temas de seu universo. Explorando vogais e consoantes, fazendo trocadilhos, brincando com átonas e tônicas consegue feitos agradáveis e originais. Mantendo um timbre de doçura, de meiguice, de embalo, retorna à expressividade da criança e realiza uma poesia realmente infantil. Infantil porque tem como foco a criança, infantil porque vai ao encontro daquilo que a criança ama. Porém, mais que infantil, é poesia. É poesia porque tem a marcá-la a imprecisão significativa própria da linguagem poética. É poesia, e poesia é palavra que por si mesma se define.

O maior compromisso de Cecília Meireles é com a criança: suas necessidades, suas vivências, seus anseios. Sem falsos moralismos, sem exaltação patriótica, sem ditatismo coercivo, retrata em **Ou isto ou aquilo** o universo infantil, dirigindo-se à criança para que ela, através da poesia, seja refletida em toda a sua pureza e ingenuidade. Pois "esta menina tão pequenina" que "quer ser bailarina" e este menino que sonha com "um burrinho que saiba inventar histórias bonitas", que chora "pela borboleta que foi embora", que indecisa fica entre "ou isto ou aquilo", que algumas vezes merece "uma palmada bem dada" é um ser frágil, intuitivo, imaginoso, aberto a tudo e a todos e, portanto, merece ser respeitado. Ainda mal-acordada para a realidade da vida, vivendo num fase mágica e irrepetível que é a infância, é simplesmente ela mesma e como tal "esquece todas as danças e também quer dormir como as outras crianças".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. MEIRELES, Cecília. **Problemas da literatura infantil**. 2. ed. São Paulo, Summus, 1979. p. 27.
2. ———. Apud ZAGURY, Eliane. **Cecília Meireles**. Petrópolis, Vozes, 1973. p. 143.
3. ———. **Problemas da literatura infantil**. p. 66.
4. ———. **Antologia poética**. 2. ed. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1965. p. 7.

Todos os poemas analisados foram extraídos da obra **Ou isto ou aquilo**. 2. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.